

A DEMOCRACIA

ORGÃO REPUBLICANO



892
51

REDACÇÃO

32 Rua Gonçalves Dias 32

RIO DE JANEIRO, 21 DE MAIO DE 1887

ADMINISTRAÇÃO

32 Rua Gonçalves Dias 32

ANNO II

Publica-se tres vezes por mez

N. 27

EXPEDIENTE

Anno. 6000

São nossos correspondentes :
Em Barbacena, o Sr. Tent. Lino Marques da S. Pereira.
Em S. João d'El-Rei, o Sr. Tent. Francisco de Paula Pinheiro.
Em Juiz de Fóra, o Sr. Dr. José Caetano de Moraes e Castro.
No Recife, o Sr. Dr. José da Rocha Lima.

A Democracia agradece sinceramente o acolhimento benevolo e animador que foi dispensado ao nosso companheiro de redacção, o sr. Eugenio Augusto Pinto.

Rio 21 de Maio de 1887.

CHRONICA POLITICA

A borrasca approxima-se.

A nação brasileira, desacostumada a figurar conscientemente nos seus próprios negócios, vai breve mostrar para quanto presta.

Impassível ou inerte é que não ficará.

Embora um longo regimen de corrupção e o crime generalizado de cobardia nos tenham reduzido ao quietismo e ao abandono de qualquer ideal nobre, força será despertar e volver os olhos para o lado onde desapruma o edifício a bem de fugirmos sequer de sermos esmagados debaixo dos escombros.

A corda alliô e está prestes a despenhar-se.

Haverá quem a recolha, a remende e porfie em restaural-a no pedestal em que se acha agora?

Isso importaria a destruição de todas as esperanças de rehabilitação; ficavamos definitivamente desarvorados e objecto de sarcasmo dos nossos adversários.

O desejo de uma mudança lateja em todas as cabeças; e a convicção de que esta quadra não pode prolongar-se, também está profundamente arraigada em todas as consciências. O que move os animos a recuar de qualquer tentativa, é o medo do desconhecido, ou, por outra, a ameaça que envolve qualquer evolução brusca de causar prejuízos materiais, como perda de empregos, de posições, etc. Garanta-se a premissa da conservação do *statu quo* económico, todos aderirão às reformas das instituições sociais.

Eis porque aqui na capital, onde a maior parte dos individuos sentam-se à mesa do orçamento, raras são as profissões de fé e nullas as manifestações republicanas. Supõem elles que uma viravolta política, atiral-os-ha pelos ares. Enquanto, pelo interior, grassa a idéa republicana e expande-se com assombrosa celeridade.

O admirável movimento abolicionista que se opera em todo o paiz, a despeito das tendencias retrogradas dos seus governos, contribui muitissimo para que se persuadisseem todos de que era possível livrarem-se de um mal quo também parecia congenito à nossa familia e nacionalidade. Pois a monarquia equilibra-se em ruindade com a escravidão.

Um povo que sabe espontaneamente desistir d'esta, não pode hesitar ante a primeira : um previo acordo e uma levea sacudidella bastarião para banil-a d'estas plagas.

Estamos actualmente na phase preliminar.

Se por um lado reconfonta e alenta o espirito a bella perspectiva de tantos grupos que hasteiam o symbolo da república como tabaro salvador, é nosso dever attentar para os ignobres e perfidos manejos dos appellidados monarchistas.

Rosna-se que o rei, escapando da presente crise, vai abdicar em o neto Pedrinho, filho do duque de Saxe.

A Constituição não lh'o permite ; seria n'esse caso indispensavel uma demonstração compadresca que chrismar-se-ha posteriormente de *revolução*, irmã gêmea da *Independencia ou Morte*; quando não, um segundo specimen do celebre *Fico*.

Que não faltaria caracteres que se prestem ao desempenho d'essa miserável trica em que se merca e atraiço a honra de um povo, não ha duvidal-o.

Mas a longa experiência de meio seculo deve premunir-nos contra as ciladas dos homens palacianos e corruptos ; a época tão dilatada de escandalos e misérias exhibiu com estrepito e amadureceu os fratos mais peçonhenhos ; os homens de todos os partidos, de todos os tempos, levantam um brado unisono de descontentamento e de protesto : signal é que o defeito reside não nos homens mas nas instituições ; o bem que se tem alcançado o foi mau grado e contrario à iniciativa e preponderancia que vinha de cima ; a affronta do despot paraguayo, lavou-a o povo com seu heroismo ; os governos imperialistas só tem sabido defraudar o erario e curvar-se às imposições dos Christies, dos Tripoli e dos Waring Brothers ; o nepotismo, a concessão de favores ás occultas, as esmolas prodigaliadas aviltaram e prostituiram o carácter dos tantos que as recebem genuflexos ; a propriedade mais saliente d'este sistema, d'esta forma politica foi manietar a nação, reprimir-lhe as forças, empêcer-lhe a evolução, coartar-lhe os brios, aniquilar-lhe a coragem, o impulso, a aspiração de progredir e de tornar-se grande e prospéra ; a penuria, a indigencia a mais angustiosa situação, o anathema, formam a nossa partilha...

Repetimos : Haverá ao rolar d'essa coroa quem a recolha, a remende e porfie em restaural-a no pedestal em que se acha agora ?

Se premittirmos que os homens da situação continuem a dividir entre si os despojos da nação e distribuam a seu talante as honras, os postos, constituindo outras tantas sinecuras como o têm feito até hoje, a resposta é obvia e inelutável : Elles hão de zelar os seus interesses pessoais, collocando na cuspide do edifício em que se resfolgam o emblema que favoreça as suas miras — um rei.

Cumpre que os caracteres patrioticos reajam e saiam ao encontro de tão nefanda pretenção.

E chegado o momento de resgatarmos por um acto reflectido e varonil a inopia, a cobardia de tantos annos em que fizeram de nós um povo nítiamente desfructável.

SEPARAÇÃO E FEDERALISMO

(De um livro inedito)

I

Simulado profundo desgosto das causas publicas, distorcem os eunucos politicos o seu servilismo e esterilidade com a phrase : Cada povo tem as instituições que merece. Essa ostentação de calculado pessimismo desobriga de lutar, deixa a liberdade de transigir em todas as circunstancias, e é tida como prova de superioridade mental.

Antigo é o ardil, e valiosos serviços tem prestado a todos os regimenes de opressão.

Devem os indiferentes por sistema considerar legitima a escravidão desde que reduza as victimas ao silencio, justos os excessos de autoridade que se impuzerem pelo terror. Para os fracos, para os ignorantes, para os aviltados não haverá direito.

Como o personagem que fallava em prosa sem o saber, os cidadãos neutros, tambem chamados *republicanos declarado*, são insensivelmente conividores da peior especie.

Não progridem, não reagam, não protestam, Exploram todas as situações, estão em boa intelligencia com todos os partidos.

N'elles tem origem a maladicia que nodoa todos os caracteres, e enegrece os actos mais puros.

Tartufos da imparcialidade, afagam todas as opiniões, e esquivam-se a todas as responsabilidades, condemnando seus contemporaneos por incapazes.

A pegam-se a sentenças dogmaticas, citam factos mal comprehendidos, e para si reservam o papel de homens superiores ao seu tempo.

Um dos duendes d'esses laes é a apregoada tendência dos brasileiros para os empregos publicos.

Almas candidas e imaculadas, não se podem afazer a ideas tão terrenas como estas :

As distribuição da justiça, a propagação do ensino, a cobrança do imposto, a polícia, a defesa do territorio, não se fazem por obra e graça do Espírito Santo, mas por agentes do poder, que prestam serviço e tem direito à condigna remuneração.

Onde ha funções retribuidas, é natural e para estimar que baha quem pretenda exercelas, e intuitivo que a concurrence crescerá na razão directa das vantagens do emprego, e na inversa das habilitações exigidas.

Isso acontece no Brasil, como em qualquer parte do mundo.

—Mas, lamentam os criticos, o excessivo numero dos pretendentes denuncia a indolencia peculiar dos brasileiros.

Não dos homens, do sistema é o vicio.

Em toda a parte onde imperam proteccionismo, tutella, regulamentação, regimen papalisticco, amortece a autoridade individual, desinham as industrias, estacionam as artes, as sciencias, a litteratura.

Em regra o emprego publico é como titulo de irmão remido de ordem terceira : una apólice de seguro contra a mendicidade. Ou melhor, como já se disse, o funcionalismo é para o maior numero, a roda dos engatados.

Na lavoura ha o monopolio territorial e a concurrence do escravo.

A industria é o caminho mais curto para a ruina.

—O theatro sob a sisuda inspecção do Conservatorio Dramatico, ja não produz nem o entremez.

A historia, a geographia e a ethnographia solicitam a imperial venia quando querem fallar.

Os negocios municipaes estão ao cargo do ministro do imperio e dos presidentes de província.

Escrever para o publico é quasi demencia. Resta o emprego, directa ou indirectamente estipendiado pelo imposto.

Desde que no governo imperial se resume a vida da nação, não é para estranhar que ao poder se peçam o pão e o prestigio.

(Continua).

Clero nacional e escravidão

Com a publicação do nosso primeiro artigo a propósito da indifferença do clero do Brazil no agitado problema abolicionista, coincidiu a notícia telegraphica da pastoral do bispo de Pernambuco condemnando a escravidão e exhortando os sacerdotes de sua diocese a promoverem o maior numero de libertações e a restituirem à liberdade os escravizados que possuissem.

Grande foi a nossa alegria que é agora maior depois que lemos a importante pastoral do prelado Olindense. E' felizmente mais uma exceção sobre as pouquíssimas existentes à regra estranhavel, anti-christã, sem misericordia, que o clero até hoje se impoz, assistindo impassivel aos soffrimentos sem nome da infeliz raça proscripta no seio de um paiz catholico.

Ao illustre bispo de Goyaz associou-se agora o de Pernambuco.

Ainda bem !

Não era de certo para avigorar no coração do povo a fé religiosa nem a crença no catholicismo, o procedimento anomato do clero, no qual, à negligencia, à inercia, o desconhecimento de um dos mais sagrados deveres religiosos e até a comparticipação no crime de escravismo, o tem tornado digno das mais vehementes censuras.

Era de grande lastima ver-se esta voluntaria annulação do clero, quando o seu concurso espiritual a bem dos escravizados lhe oferecia amplo ensejo de erguer-se de seu abatimento moral, conquistar a estima e a gratidão publicas e rehaver assim alguma causa de seus perdidos creditos.

Posto que tardio e muito limitado ainda, o auxilio que à causa da liberdade começam de prestar os dois prelados deve produzir beneficos effeitos.

Todos os homens de coração desejam e fazem votos como nós, para que o digno exemplo que acaba de abrir-se, seja ampliado pelos proprios que o iniciaram e de prompto seguido por todos os bispos e por todo o clero do paiz.

Quando por todo o Brazil se cruzarem as pastorais de todas as dioceses e repercutirem os echos das praticas e orações, cuja eloquencia tiver resodo da tribuna sagrada pelas arquadas e abobadas dos templos; quando em toda a parte enfim vir-se e ouvir-se os curas d'almas na missão evangelica de quebrar as cadeias dos captivos d'esta infeliz terra; então os aplausos universaes, as bençãos da humanidade chove-

rao sobre as cabeças dos homens que souberam um dia ser interpretes da verdadeira doutrina do martyr do calvario e de sua igreja.

Ah! quanto seria consolador vel-o transfigurados em redemptores dos homens e da pátria!

NOTAS

Direitos de Exportação

Noticiam que o «Centro da Industria e Commercio de assucar» vai requerer ao corpo legislativo a abolição dos direitos de exportação de assucar e redução de tarifas das estradas de ferro sobre o mesmo produto.

A pretenção dos industriais e comerciantes de assucar é muito justa e digna de ser attendida. Não sómente este, mas todos os productos do paiz devem ser isentos de direitos de saída. A medida, pois, precisa de ser ampla e completa. A exportação deve ser livre, o que importa a necessidade de reforma radical do sistema tributário do imperio, substituindo os direitos de exportação por impostos directos e estabelecendo a mais equitativa e científica distribuição destes.

Quem quiser ter a convicção segura e authentica da ignorância, atraso, rotina e incapacidade dos governos do Brazil, entregues exclusivamente aos legistas, basta lançar os olhos sobre o sistema tributário vigente, pois que ainda subsistem e subsistirão enquanto o paiz for monarquia, os direitos gerais e provinciais de exportação não só para o exterior como entre as províncias.

Uma cousa horrorosa! Uma anarchia estupenda!

Para uma reforma tal, precisa-se de animo, vontade e saber, qualidades que falecem quasi absolutamente aos nossos governos e legisladores.

Necessita-se saber economia política e saber também applicá-la, e os nossos legistas tanto a ignoram como não a sabem aplicar aquelles que têm d'ella mera tintura escolástica.

×

Tarifas das estradas de ferro

Por um concepção errona, antieconómica, as nossas estradas de ferro em geral mantêm tarifas elevadas para o transito de passageiros e mercadorias. Entre elas, porém algumas haja cujas tarifas são exorbitantes, de arrancar couro e cabello. Para exemplificarmos a de Paranaguá a Curitiba que tem levantado tantos clamores das industrias e commerciantes a quem ella serve.

Agora reclamam elles positivamente uma redução racional da tarifa.

Levar ao minimo os preços de passagens e fretes das estradas de ferro do Estado das cidades, subvençionadas pelo Estado e particulares, é uma medida de interesse público com a qual todos aproveitam, todos lucram, inclusive os próprios empresários.

Mas isto é justamente o que nem o governo nem as empresas querem compreender.

×

Presidentes de províncias e assembléas

Continuam as cabecas las entre as assembléas provinciais e os presidentes das províncias, brigas que denunciam o mal profundo da política e administração tacanha do governo, os horizontes estreitos, as manobras de camarilhas das assembléas e o egoísmo de todos.

As províncias são as unicas sacrificadas a essa política perversa de interesses privados e mesquinhos.

Uma grande miseria, o símbolo do imperio!

×

Bello ensejo!

Para ser agradável aos seus protegidos, os aspirantes à Senatoria, e patenteá-los o seu zelo, forçoso é ser implacável com os velhos e areópago da rua do Areal. E esta a triste missão da parca. Abatendo as suas azas negras sobre aquella casa, de lá acaba de arrabiar o Conde de Baependy, cuja cadeira vaga desde o dia 12, é um bello ensejo para encartar-se mais um deputado que seja ou tenha sido ministro, um sr. conselheiro, emília.

Não será ainda a vez para o sr. Castrioto Terá vindo muito de chofre? Não lhe aproveitará? Não a deixe escapar, sr. Castrioto, pois se assim acontecer, será o diabo apelar-se ainda para a morte... do proximo, bem entendido.

Situação critica

Não andam nada boas as cousas lá pelas regiões políticas!

O parlamento não tem funcionado, 1.º por falta do ministerio que estava roto. Remendou-se este e apresentou-se no dia 13 (mau dia, 13!) que agourou; 2.º porque apesar de remendado e consolidado, o ministerio tem tido flatus e desmaios e dizem que se acha engasgado com o manifesto militar do dia 14, uma bomba de dynamite ensurecedora.

Duro com duro não faz bom muro; ou este se desmorona ou hão de lhe amolecer o barro se quizerem fazer liga.

Estamos certos que não serão os militares os que se deixem amolecer para servirem de argamassa do governo.

Pelo menos é o que se deve acreditar à vista do seu alludido manifesto. Já sabem o que têm a esperar de tal governo hypocrita, descal, mystificator, cuja situação é n'este momento critica.

Farça ou dramalhão

Acerca da sessão do dia 13 na camara dos deputados, quando ali se apresentou o ministerio Cotelipe remontado, disse a «Gazeta da Tarde»:

— Aquilo foi uma farça!

— Não foi farça; returque a «Gazeta de Notícias»: aquillo foi um dramalhão!

Um dramalhão foi, é verdade, nos primeiros tempos, após a independencia, o governo constitucional entre nós, quando os espíritos estavam ainda ingenuamente entusiasmados. Pouco a pouco, porém, fôi a cousa degenerando em comédia e da comédia em farça burlesca.

Que é, pois, toda essa politica imperial constitucional representativa? senão a representação de uma farça sem fim, recheada de escenas grotescas a que o vulgo chama palhaçada! Uma sócousa séria ha n'isso... é que os comediantes, os farcistas, palhaços valhaços, papam todo o dinheiro do contribuinte e o deixam sem camisa e obrigado ainda às dívidas do circo, cujas rendas dissiparam na roleta. Eis ahí tudo.

A sessão do dia 13 não foi, pois, uma farça, foi sim uma cena das mais burlescas da farça continua, «opera-buffa», aqui chamada «monarchia constitucional representativa» e quer dizer, como todos sabem — de representação comica. Divertimento publico de nos fazer rir, é certo, mas que nos custa mu to caro.

E' caso de se exclamar: é caro o luxo, mas não é bom!

×

Congratulações parlamentares

Sua magestade, o imperador, ainda não restaurou a sua saúde, é apenas convalescente; mas o corpo legislativo já nomeara comissões para congratular-se com sua magestade pelo seu restabelecimento.

E' exquisito, é cómico mesmo.

E sua magestade ainda não recebeu nem marcou audiencia ás comissões parlamentares; é bem claro: por não estar ainda restabelecido.

Faz muito bem sua magestade.

Quando o angusto imperante esteve em franca convalescença em Petropolis e seu estado era anunciatdo como satisfactorio, choveram sobre sua magestade, qual praga de gafanhotos sobre o Egypto, as congratulações de todos os clubs e philarmonicas pelo seu restabelecimento. D'ahi continuou sua magestade doente e ainda agora convalesce pela terceira ou quarta vez.

Mande o imperador ao diabo todas as congratulações, inclusive as da grande philarmonica legislativa; do contrario, dão-lhe cabo do canastro.

×

Casamento civil

O sr. senador Taunay fez seu e apresentou á camara de que é membro o projecto de casamento civil do sr. João Mauricio, vulgo Barão de Cotelipe.

Será agora visivel esse projecto, morto por não sel-o outr'ora e hoje resuscitado?

Queremos vêr para crer.

O que parece certo é que a mumia galvanizada e perfilhada pelo sr. Taunay será de

novo enterrada. Os correligionarios de sua ex-são politicos muito orthodoxos.

Para a vida ou para o túmulo, qualquer que seja o caminho que o projecto siga, o sr. Taunay cumpriu o seu dever, satisfazendo embora o seu prurido de fama.

Fazem alguma cousa, pouco importa que chocalem a vaidade e paguem alguns a glorificação de seus generosos perfilhadores.

×

Salvaram-se 51

De Campos transmittiu-nos o telegrapho a grata notícia de ter o cidadão Carlos de Lacerda (desculpem se não o tratamos por commendador) conseguido no dia 13 libertar 51 brasileiros matriculados ilegalmente como escravos.

No mesmo caso d'estes 51, grande numero de infelizes figuram na nova matricula.

Desses, porém, muito poucos terão a fortuna de encontrar um Carlos de Lacerda que os arranke ás mãos dos miseráveis escravizadores e dê uma lição aos funcionários imperiais que tão lealmente executam as leis, interpretando à risca as vistosas justificativas do ministerio Cotelipe.

Apreciam os leitores esta bela amostra dos sentimentos humanitários dos brasileiros (que escravizam os seus patrícios) e da lealdade própria do governo do imperador, cousas que mereceram uma cantata na falla do trono.

Na impossibilidade de laurear dignamente os humanitários senhores e seus leaes instrumentos, levantamos bravos a Carlos de Lacerda o invicto abolicionista.

×

O Parlamento

Tem funcionado nestes últimos dias. No senado tem-se exhibido o sr. presidente do Conselho a propósito da questão militar. Em um mesmo acto fez s. ex. muitos papeis: tragico nos arreganhos, dramatico no sentimental e cómico nos desdens, no riso e na galhofa.

×

Vóos incertos

Nas poesias collectionadas no livrinho que sob o modesto titulo de *Vóos incertos* acaba de publicar o sr. Adolpho Caminha dâmos o jovem auctor fundada esperança de ser um bom poeta. O livrinho é uma bona promessa; contém algumas poesias que agradam e nas quais transluç sentimento poetico; mas não são em geral de grande concepção, nem oferecem pujança de imagens.

Se o sr. Caminha se aguardasse para mais tarde, estamos certos que dar-nos-hia um mais rico volum de poesias.

Agradecemos a offerta.

×

A questão militar

O que nós ha muito sabiamos, por ainda mais em evidencia a sessão do dia 17 no senado.

Os partidos monarchicos só querem exercito permanente para instrumento cego do seu despotismo. Não comprehendem no soldado sentimentos elevados: nem honra, nem dignidade, nem brio. Não o consideram o cidadão armado em defensor da pátria, mas o servilismo ajaezado, prompto a ferir quando é mandado e dar graças, sorrindo, quando é ferido. Por obediencia passiva não entendem a intelligente comprehensão do dever, mas a submissão boçal do escravo ao imperio do azorrague, ou à humilhação dos rafeiros.

Para os taes politicos, o soldado não é depositario da confiança da nação, mas a escracheira onde o governo e seus lacaios cospem do alto quanta injuria e impureza secretam.

Veremos se o exercito consente em ser o que elles querem: um reptil que pode ser esmagado com o tacão da bota de qualquer ministro.

Saberemos então se isto aqui é um povo ou apenas uma aglomeração de cadáveres putrefactos.

Importante

O «Correio do Machado», folha que se publica na cidade do Machado em Minas, ocupando-se do curso das mais graves questões na actualidade, estampa um escripto bem refletido, d'onde extractamos os seguintes periodos:

«Os acontecimentos vão tomando certo carácter, que não precisamos ser nenhuma Cassandra para predizer o futuro.

A evolução republicana accentua-se todos os dias no Sul de Minas e de um modo que impressiona.

O 13º distrito está quasi todo republicano.

De um momento para outro o Machado pode, pelos elementos que possue, ser escolhido para o centro administrativo do Estado de Minas do Sul.

O povo do Machado por seu patriotismo proverbial, não pole deixar de ir preparando a sua cidade para esse futuro brillante, que se aproxima.

Um outro movimento político, que se opera na vizinha província de S. Paulo, a idéia separatista, pode beneficamente influir na evolução d'esta parte de Minas.

Este acontecimento polo de repente explodiu. Minas do Sul po le ligar-se a S. Paulo e ao mesmo tempo proclamar a sua autonomia.

Estamos convencido que se a revolução não restituir de uma vez a autonomia das províncias, ellas irão se separando do imperio; cada uma na occasião opportuna, irão se federando, até completar a emancipação de todo o Brasil.

Se São Paulo der o grito separatista, o Sul de Minas deve e pode fazer causa commun com S. Paulo.

Advogamos a idéia separatista que evolue em S. Paulo, porque a separação é a federação.

Não somos utopistas nem sonhamos grandes futuras influenciados pela embriaguez do opio.

A distância que nos separa d'esse futuro pode ser grande e pode ser pequena: preparemo-nos.

×

Lemos n' *O Mineiro* o seguinte curioso extracto: «A dívida interna e externa do Brazil monta actualmente a consideravel cifra de 1.028.000.000\$000, excedendo 7/8 da renda anual.»

Quasi metade da receita annual do imperio será absorvida para o pagamento dos juros d'essa enorme dívida!

O contrario dá-se nos Estados Unidos.

No ultimo orçamento verificou-se um saldo de 200 mil contos da nossa moeda, que o governo d'aquelle paiz, não sabendo onde empregar para mais aumentar as rendas do Estado, aventou a ideia de restituir ao povo a que legitimamente pertence por ser o producto de impostos arrecadados.»

OPINIÃO DA IMPRENSA

A *Propaganda*, folha republicana de Juiz de Fóra, depois de transcrever «O dia de amanhã» que estampava no numero 21 d'este periódico, acrescenta: «Os periodos acima, que acabamos de extractar da *Democracia*, excelente órgão republicano da capital do imperio, são previsões criteriosas que fazemos nossas.

Leiam-n's os nossos co-religionarios — o povo — e meditem.

O futuro da pátria avistinha-se com suas cores bruscas.

Cumprirá a nós desannuval-o.

«A *Propaganda*, de Juiz de Fóra e a *Democracia* da corte, commemoraram o supplicio de Tiradentes publicando numeros especiais em que se notam artigos de elevado mérito devidos à pena de illustres co-religionarios.

D'O Mineiro de Barbacena, em 24 de Abril.

«Abrimos espaço para um magistral artigo que um importante órgão republicano no Rio de Janeiro, *A Democracia*, inseriu em suas columnas no dia em que, com uma edição especial, commemorou o sacrificio do grande patriota mineiro — O Tiradentes. A elegancia da linguagem, a profundez dos conceitos e o patriotismo que de todo o artigo ressumbra estavam a exigir esta transcrição que já, no nosso ultimo numero, não teve lugar pelas acanhadas propriedades da nossa folha.»

(Do *Sapucatense* em 8 do corrente).

Em sua chronica politica *A Democracia* encarou hontem com animo desprevenido os assuntos que são actualmente debatidos, analisando-os com alentada proficiencia.

N'um artigo sob o titulo *O clero nacional e a escravidão*, são postos em evidencia os resultados e vantagens que adviriam à resolução do problema elemento servil se o clero brasileiro, usando o prestigio de sua palavra, contasse a sociedade e encorajasse o povo a desfazer-se do braço escravo.

Todo o seu numero desperta o maior interesse e as suas paginas encerram leitura de aprofundada meditação e trabalhos variados e amenos.

D' *O País*, em 2 do corrente.

A Democracia. — Como sempre, logica, energica e brillante. Entre outros artigos, destacam-se a chronica, escripta com alta proficiencia e o mais completo conhecimento dos factos politicos, que assistimos a todo momento, e que são sempre o reflexo de acontecimentos memoraveis que conservamos com o maior escrupulo, porque são realmente dignos de... conserva.

Há outro artigo, para o qual chiamamos a atençao dos nossos leitores: *Tiradentes*.

Vem a proposito de um trabalho lido no Instituto Historico — o fosil. O seu autor começo dizendo: « No Instituto Historico, onde de maravilha apparece algum trabalho digno de nota, tem-se procurado com extrema devoção consolidar as glorias da realeza e justificar o sistema politico, quer no antigo, quer no novo regimen. »

Pois sim. Veremos se elles conseguirão esse milagre.

(*D'A Vida Moderna*, 7 do corrente.)

A Vida Semanaria, que se publica em S. Paulo, resumindo o que dissemos relativamente à ideia separatista, endereça-nos no seu 1º numero palavras animadoras e honrosas.

O Rezendense de 29 de Abril, igualmente allude a este periodico em termos sobremodo lisonjeiros.

SECÇÃO LITTERARIA

FRADES SEM CABEÇA

(Conclusao)

D. Anna de Castro enviuvára logo depois de esmagada e aniquilada a revolução de 17.

Os principaes delinquentes de losa-mgastade estavam mortos. Os demais compromettidos e suspeitos estavam presos e a celeberrima Alçada sucessora das commissões militares farejava mais suspeitos e culpados. A raça infame dos delatores precia a dos esbirros e ensombra a terra com as suas azas negras como um bando de corvos esfaimados a revoar sobre a carnica.

Decorreu-se uma semana depois que aquelle

Perdendo seu marido, aquella senhora era opprimida por encontradas affligrões. Sentira profundamente a desgraça cahir com a força de um cyclone sobre a sua terra e sobre os seus conterraneos, e depois, a tristura e o peso da viuvez e as lagrimas de Angelica, cruciada em seu coração de filha e de amante.

Expliquemos: o sr. capitão Pedro de Castro era realista e absolutista fanatico. Oppoz-se tenazmente ao casamento de sua filha com João de Barros sem nenhuma consideração ao muito que os dois se amavam. Porque? Porque o rapaz, ativo, ardido, generoso, bom, mas um pouco estroina, pregava com desassombro idéas liberaes. Era muito perigoso n'aquelle tempo, e o Sr Castro não queria aparentar se com gente de semelhante raça. Rebentando a revolução, João de Barros atirou-se n'ella entusiasticamente. Vencida, ou antes deixando-se vencer pela incapacidade politica e moral dos chefes, Barros foi dos poucos que não desbandaram. Fez parte da escolta que entrou no Recife conduzindo e entregando intactos aos legalistas já restaurados, os cofres do Estado. A honestidade dos revolucionarios em tal emergencia é um titulo que sobremodo os honra e que o governo legal pagou-lhes confiscando-lhes os bens!

Barros conseguiu evadir-se e homisiar-se; foi porém mais tarde denunciado, preso remetido depois com a Alçada regia para Bahia.

Mais contribuiram estes acontecimentos para firmar o capitão Castro em suas idéas a respeito do republicano e julgal-o então fora de combate em suas pretengões.

— Filha, disse elle a Angelica consolando-a, és muito moça; não te faltará rapaz de juizo, digno de ti e a contento de teus pais.

D. Anna não adherira tambem ao casamento. Os motivos, porém não eram os mesmos do marido. Senhora estimavel, de excellentes qualidades, tinha com tudo seu calcanhar de Achilles: a vaidade de familia. Barros, pela familia, não podia no conceito de D. Anna alliar-se á sua.

Proximo à morte, o capitão manifestou e impôz a sua ultima vontade para caso quasi impossivel de João de Barros salvar-se. Este infeliz tinha tudo contra si, excepto Angelica que continuava a amal-o. Ela sofrera e sofria muito; mas o seu amor era profundo, a sua serenidade admiravel e a sua esperança inextinguivel.

Decorreu-se uma semana depois que aquelle

mensageiro nocturno, que se dizia a alma de Antonio Henrique, o heroico, martyr da revolução, transmittiu à viuva o pedido que trazia lá das regiões tenebrosas do Tartaro onde gemia a alma do capitão Castro. Era uma manhã, D. Anna estava ainda no seu quarto, quando suas duas filhas Izabel e Claudina, pallidas, attonitas, entraram-lhe pela camara a chamal-a:

— Mamãe! mamãe!

— Que é isto, meninas?

— Mamãe! Que é de Angelica?

A viuva sentio uma violenta paneada no coração.

— Pois não está lá com vocês?

— Não senhora, não está. Levantamo-nos e ja não a encontramos na cama nem em parte alguma da casa!

— Oh! é impossivel! exclamou D. Anna com desespero.

— Ningem em casa nos dá noticias d'ella. Não a viram senão hontem quando se recolheu connosco.

— Oh meu Deus, será alguma desgraça?

Senhor valei-me! E sahio a percorrer toda a casa e chacara, chamando pela filha, e chorando.

Imagine-se do alvoroco, da perturbacao e da anciedade que iam pela casa da viuva.

Que é feito de Angelica? Onde pára essa menina? Porque, para que, como desapareceu ella? Acaso terá sido como Venus arrebatada para o céo, ou transportada para algum templo de Lesbos ou de Paphos? Não se sabia.

Dentro de meia hora constava em toda a provação a grande e pasmosa novidade. Choviam os mais contradictórios commentarios e de envolta com as idéas conceituosas, abundavam os disparates, as ingenuidades, a maledicencia.

A muita gente parecia haver no facto intervenção diabolica ou de força sobrenatural, ao qual talvez não fossem estranhas essas almas penadas, vagabundas que deviam ser os espíritos maus. Reforçava este juizo uma mulher ainda moça muito magra, hysterica e entendida em cousas d'alem-mundo, especie de pythonesca — incompleta.

Attrahida aquella noite por uma vozeria surda confusa, estranha, fôra observar à vidraça de sua janella e vira um espectaculo extraordinario que sobremodo a espantou: era um bando de bruxas que passavam volteando e graxnando pela frente de sua casa, seguindo um vulto

enorme, negro, fumarento, que parecia metido em veste talar e levava atravessado e estendido sobre as costas um outro corpo que parecia ser de mulher. Iam tão rapidamente que não andavam, mas deslisavam como urubus no espaço. O que mais a impressionou foi não distinguir cabeca em nenhuma d'aquellas sombras, medonhas, excepto a da mulher que carregavam.

Mais de duas vezes fôra a viuva Castro incomodada alta noite por aquella voz pesada, monotona, tumular repetindo-lhe o mesmo discurso que parecia vir ora da rua, ora de pontos diferentes da casa. Uma noite criou animo, levantou-se, accendeu a lampada, chamou um escravo, passou em revista toda a casa fez revista a exteriormente: nada viram.

Devia tomar ao serio semelhantes revelações? De bom grado não as aceitava nem estava ainda disposta a anuir ao casamento de Angelica com João de Barros. Julgava isso esquecido. Decidida pois a consultar-se com o parochio da freguezia, nada dizendo entretanto do que lhe acontecia ás suas filhas.

O sorprehendente desaparecimento de Angelica impedio-a de realizar a conferencia. E quando angustiada, lacrimosa se dirigia a casa do sub-prefeito fim de queixar-se e pedir providencias, encontra-se com o velho alferes de milicias que vinha apressadamente.

— Vai bastante consternada, minha senhora! Eu já sei de tudo; mas tranquillise-se. D. Angelica está alli na matriz. Apenas se abriu a igreja, lá se vio ella muito quieta assentada nos degraus do altar de N. Senhora. Vamos D. Anna, sua filha lá a espera. Pede que V. S. vá e leve as outras meninas.

A viuva ficou muda de commoção. Tornando a si, perguntou:

— O Senhor vio-a?

— Vi-a e falei-lhe.

— Mas como foi isso?

— Ignoro, minha Senhora. V. S. vá ter com ella.

— Ah meu Deus! sinto um alivio... disse a viuva voltando á casa.

Minutos depois sahia de novo em compagnia das duas filhas Isabel e Claudina.

Encaminhou-se para a matriz dos Afogados, onde chegando vio levantar-se dos degraus do altar mó e correr para ella sua filha Angelica que abraçou-a e beijou-a dizendo-lhe:

— Perdão, mamãe, perdão.

— Angelica! que loucura é essa? Como estás aqui? Quem te trouxe?

— Desculpe, mamãe; logo saberá tudo. Agora...

— Minha senhora, interrompeu o parochio aproximando-se, V. S. perdoe-lhe, mas é preciso casal-a. Ela só deve sahir d'aqui casada.

— Como Revmo? Pois assim à queima roupa? E com quem? interroga a viuva correndo os olhos pelo recinto do templo.

— Com o Joãozinho, mamãe, responde-lhe com vivacidade Angelica.

— Oh menina! redarguiu-lhe a mãe n'um severo tom de censura. Angelica, abaixou os olhos, perturbada.

— E a memoria de teu pai! acrescentou.

— Já lhe pedi perdão. Estou convicta de ser perdoada.

— Não ha remedio, minha Senhora, tornou o parochio; é a providencia mais acertada: casal-a já.

— Mas, Revma, não tenho nada prompto; não estou prevenida. Isto é uma surpresa. Não sei d'á tempo nem de respirar.

— D. Anna de Castro, está tudo prompto, nada falta; a cerimonia pode realizar-se já; responde um guapo rapaz entrando do consistorio e saudando cortezmente a viuva.

Era o João de Barros, moço de 24 annos. Estava pallido, comovido, mas encantador.

— Ah! é o senhor quem está ahi? interpelou D. Anna, abanando com a cabeça. E o autor desta estalada. Eu lh'o agradeço muito, Sr. João de Barros.

— Perdão, minha Senhora, disse o rapaz abaixando a cabeça.

— E os padrinhos?

Mas El-Rei quando a vê a um canto solitaria, Andrajosa e senil, qual miseravel paria, Tendo sempre no olhar a lagrima suspensa, Sente-se estremecer e julga-se magoado,

Pois vê que essa mulher que alli chora ao seu lado

Aggrava-lhe a doença.

E quando ai um Barão, um intimo do Paço .

Indaga alguma vez em gíria de devasso

O nome da mulher que sempre amado hei,

Silencia-se em torno inexoravelmente,

E vê-se então por toda a camara silente

Um terno e triste olhar fitando o olhar d'El-Rei.

E enquanto tudo está silencioso e ermo,

Sente-se palpitar o coração do enfermo

Que se revolve à luz d'aquelle olhar tão triste...

Novo acesso febril quebra o silencio, então

No delirio da febre eleva-se a canção,

El-Rei canta e, a chorar, ella tristonha assiste.

E todos ao transpor a camara onde habita

A desconclação de uma nação afflita,

Que chora por seu rei como por bom senhor,

Nem reparam que alli jogado a um canto escuro

Já succumbe também, luz de nosso futuro,

O coração da patria, ideal de nosso amor!

Sim, quando El-Rei padece é bem que o povo gema,

Porem quando se vê a patria em luta extrema

Mendigando um ceitil á bolsa das nações,

E' preciso que o povo esteja sempre forte...

Uma morte que val'em face de outra morte?

Vamos, povo, fechai os vosso corações. ■

Rio, 14 de Maio de 87.

SPARTACO.

—Elles ahí vem, tenho a honra de lh'os apresentar.— o sr. Major Carneiro e sua digna esposa; são pessoas muito conhecidas de V. S.

O casal nomeado para desempenhar a missão de paronympho approximou-se e comprimentou affectuosa e familiarmente a viúva e suas filhas:

— Muito bem, sr. João de Barros, tenho compreendido tudo. Com efeito, o Sr... aposto que é o chefe da bruxaria, o celebre frade sem cabeça que tem alarmado a freguesia.

— Eu ? minha senhora. V.S. perde a aposta.

— Bem ! bem ! Seja feita a sua vontade. Revise, não oponho mais nenhum obstáculo; estou vencida.

Nos olhos de João de Barros e da Angelica viram-se brilhar as fulgurações da felicidade.

Posto em liberdade pela Relação da Bahia com os demais pernambucanos que a Alçada arrastara às prisões, João de Barros entrou na cidade natalícia, abatido de corpo, mas forte de espírito. O poder mágico do amor de Angelica não o abandonará na desgraça e imprimiu-lhe uma coragem sobrehumana. Tratou imediatamente de promover todos os meios de realizar seus esponsais com sua noiva. Apresentou-se à casa da viúva, reiterou o pedido da mão de Angelica e de novo vio repelido. Levantou-se diante d'elle, como barreira inderretivel, a ultima vontade do capitão Castro.

João de Barros não desanimou. A ida da família para Afogados foi-lhe propicia; as abusões que ali reinavam então, ainda mais. Com o auxilio d'essas crenças e o concurso de alguns amigos e de uma escrava da viúva, atacou de flanco a trincheira. Impaciente, porque tardava a rendição, assaltou-a de frente, de inteligência com Angelica, tudo conseguiu.

Elle representou na phrase popular, de *frade sem e bezas*; mas é de justiça reconhecer-se pelo resultado, que realmente o rapaz teve cabeça.

Mais feliz na luta pelo amor que nos combates pela república, foi em tudo — mais feliz que o *Tiradentes*.

CARTAS DO RECIFE

23 de Abril de 1887.

MEU AMIGO

A vinda de J. Nabuco a esta província concorreu de alguma sorte para animar o movimento abolicionista. As excursões feitas pelo illustre propagandista e pelo exm. sr. Dr. J. Mariano em diversos pontos da província, onde foram bem recebidos, dando os habitantes d'esses lugares, como Palmares, Escada, Nazareth, as maiores demonstrações de apreço e favorável acolhimento ás ideias defendidas pelos dois incansáveis apostolos da emancipação servil, nos meetings que realizaram; as conferencias no theatro de *Varietades* para onde o povo affluiu como se fosse assistir a uma grande festa; enfim o banquete de despedida oferecido a J. Nabuco pelo exm. sr. Dr. J. Mariano, que conseguiu reunir em seu palacete os mais decididos representantes do abolicionismo — confirmam o juizo que a principio enunciéi e ao mesmo tempo demonstram que nenhum desacordo existe entre os verdadeiros liberaes em cujo programma se acham escriptas as palavras ABOLIÇÃO que é o *trabath e a terra*, e FEDERAÇÃO que é a *independencia e o crescimento*.

Mas, assim como estes factos vieram dar um certo impulso ao movimento abolicionista, assim vieram fazer com que a reacção se manifestasse.

Os escravocratas sentiram-se mal, e d'esse mal estar nasceu o desejo da vingança.

As primeiras autoridades da província cruzaram os braços e os agentes de polícia converteram-se em *capitães de campo*.

E nem podia deixar de ser assim. A lei que aboliu a pena de açoites não pode ser cumprida. Ela não foi a resultante da vontade da *Camara dos fazendeiros*, mas um corollario da propaganda abolicionista. Eis

porque os *senhores* continuam a surrar o que chamam a sua *propriedade*, e a polícia não os incomoda; ao contrario lhes prestam auxilio, espancando e até assassinando os que têm a ousadia de abandonar as *fazendas ou engenhos*, em busca d'aquillo que lhes roubaram.

Ainda não faz muito tempo que o tenente coronel Pedro Osorio de Cerqueira mandou agoitar um seu escravizado que ficou horrivelmente maltratado.

Domingos, assim se chamava o infeliz, foi apresentado ao presidente da província. Este se mostrou indignado e declarou que não approvava essas scenas de sangue. Entretanto, dias depois, o pobre Domingos desaparece da casa em que se achava em tratamento, sem se saber como.

O facto foi comunicado ás autoridades e essas nemhuma providencias tomaram. Parece que já estava planejado o desaparecimento do escravizado. Porque só assim se poderá explicar o procedimento do juiz substituto, a quem foi afecta a formação da culpa, não despachando o requerimento em que o curador de Domingos mostrava a vantagem que havia de ser o seu curatellado recolhido ao hospital Pedro 2º, onde podia ser mais convenientemente medicado.

Todavia os negreiros não ficaram satisfeitos. O sangue que escorría das carnes do infeliz Domingos, que talvez a esta hora, em algum canto ignorado, esteja servindo de pasto aos corvos, ou então na fazenda, sofrendo novas torturas, não lhes mitigou a sede que tinham de sangue. Era preciso ainda uma victimá e o algoz fosse a própria polícia.

A empreza não foi difícil. Passavam pelo povoado de S. Lourenço da Mata (suburbio da capital) Belisario José e mais 3 individuos. A polícia persegue-os, e conseguindo prender o primeiro, espanca-o barbaramente, e manda-o para a *Detenção*, como escravo fugido. Ali, no dia seguinte, morre o desgraçado. Denunciado o crime (que a polícia procura occultar), requerida a exhumação, verifica-se pela autopsia que a morte resultou dos ferimentos que Belisario havia recebido, quando espancado e cutilado pela polícia de S Lourenço.

E até hoje o delegado d'essa localidade e os seus agentes continuam no exercicio de suas funções, sem haver sofrido da administração a mais leve censura.

Na Assemblea foi discutido o facto e a maioria, que pensa que desde que existe o escravo, deve ser respeitado o direito do senhor, e o Estado não deve abandonar as relações entre o senhor e o escravo, pois seria a desorganização do trabalho, da qual muitos males provieriam, achou que o serviço foi bem feito.

Um escravo mata-se como se mata um cão vadio.

No dia 22 installou-se a 2.ª sessão do jury, sob a presidencia do Dr. Costa Ribeiro, juiz de direito do 1º distrito criminal, ocupando a cadeira da acusação o Dr. Oliveira Escorel, 2.º promotor publico da capital.

Foram apresentados 13 processos. Hontem foi submetido a julgamento o reu Antonio Tiburtino de Mello, condenado a 46 dias de prisão e multa de 13 e 1/3 por cento do valor furtado, grão minimo do art. 257 do cod. crim.; e hoje o reu João Ferreira de Mello, condenado a galés perpetuas, grão maximo do art. 193.

No dia 18 abriram-se as aulas do 5.º anno e hoje as do 2.º da Faculdade de direito. Ainda continuam os exames dos outros annos, tendo havido só no primeiro 12 reprovações.

Foi festejado com passeata, musica, e discursos o anniversario da introdução do ensino livre no Brasil.

Faleceram os estudantes Bento de Freitas Guimarães Junior, do 4.º anno, e Domingos Elyseu do Amaral, do 3.º.

Retirou-se da scena, onde tantos louros conquistou, a gentil e mimosa actriz Manuelita Sacanelles, da Companhia hespanhola de Zarzuellas, que continua a funcionar no S. Zabel.

Deve casar-se hoje mesmo com o sr. Jovino Tavares, empregado da Relação.

Durante o ultimo trimestre foram sepultados no Cemiterio Publico de S. Amaro 732 cadáveres, sendo em Janeiro 266, em Fevereiro 209, e em Março 257.

Confirmou hontem o Tribunal da Relação o despacho da improcedencia da denuncia do 1.º promotor contra o commandante geral da guarda civica, ha muito suspenso pelo presidente da província.

Este resultado já era esperado. A denuncia arranjada como foi, visto serem despreadas as testemunhas do inquerito, onde se acha provada a criminalidade do sr. Cabral, unico, responsavel pelo morticínio da rua de Lomas Valentinas, e offerecidas outras já industrias, não poderia ter outro despacho senão o que deu o juiz formador de culpa e que a Relação acaba de confirmar.

Amanhã, ao meio dia, deve realizar-se no theatro *Varietades* a 1.ª das conferencias promovidas pela Sociedade Pernambucana Contra a Escravidão e União Federal Abolicionista, sendo orador o exm. sr. Dr. José Mariano.

Também se effectuará á noite no S. Zabel, uma sessão funebre em homenagem ás victimas do naufrágio do *Bahia*, promovida por alguns estudantes da Faculdade de Direito.

O ultimo (n.º 9) da *Revista do Norte* distribuído no dia 11, traz o seguinte editorial que bem justifica a sua retirada do jornalismo pernambucano :

DE PROFUNDIS

Os abaixo assignados considerando, que com o presente numero desquitam-se do compromisso tomado no primeiro; considerando, que durante este trimestre tiveram de lutar com enormes dificuldades,

considerando, que a receita foi de 309\$400, considerando, que a despesa foi de 309\$500, considerando, que ha prejuizo de 90\$100, considerando, que este prejuizo repartido entre os quatro, importa para cada um em 22\$525, considerando, que não vale a pena pagar para escrever, desolvem não continuar mais na publicação da *Revista do Norte*.

Despedindo-se do publico, os abaixo assinados, agradecem a todos em geral, a imprensa em particular, e muito particularmente aquelles assignantes que pagaram as suas assignaturas, o grande numero de attenções de que foram alvos.

Isid. Martins Junior.

Arthur Orlando.

Adetino Filho.

Pardal Mallet.

No dia 10 apareceu uma nova folha, sob a redacção de Euclides Quintero e Ferreira Junior, intitulada *A Gazetinha*, que declara-se « conscientiosamente democrática e perfeitamente imparcial. »

Assim « ella não estará nunca, manietada a serviço da pequena política, porque isto seria dar-lhe uma missão tão torpe, quanto perniciosa ; é a alfombra sombria que, como leito de repouso, a mancenilha oferece ao viandante. »

E « sem offendrer individualidades, ella destruirá os alicerces em que se sustentam muitas d' nossas instituições decrepitas. »

E que tal a foithinha ! (*sem calembourg.*)

Das oficinas da Livraria Parisiense vai sahir brevemente um livro de versos sob o título de *Lyra Alagoana*.

Continua a publicar-se em fasciculos *O Plebeu*, drama de Ribeiro da Silva, alumno da Faculdade de Direito.

Uma notícia :

Sabino José dos Santos Junior, estudante de direito, natural da Bahia, acaba de atirar, em folhetos, á luz da publicidade uns versos que intitulou — *Brazil e Oitenta e Nove*.

Começa assim :

O mundo todo espera o livre Centenario, Que luze no porvir, qual lindo planetário. On'espalla pela terra o fulgido clarão !... O mundo se prepara e vai erguer um preito A' França que celebra a festa do Direito, Depois de celebrar a festa da Razão.

Depois de, nas 5 estrophes seguintes, fazer algumas considerações boas sobre a grandiosa festa com que a França pretende comemorar o anniversario da mais secunda das revoluções, do profetizar a quadra do trono no seculo 20 e o progresso que se ha de ver em todas as nações, excepto no Brasil, se exprime deste modo nas 6.ª e 7.ª estrophes :

O mundo se prepara e vai erguer um preito A' França que celebra a festa do Direito Depois de celebrar a festa da Razão !... Talvez que nesse dia em versos eloquentes Os filhos do Brazil, festejam Tiradentes Em quanto dorme o rei e gema a escravidão.

E' preciso cynismo ! ... Oh filhos do Brazil, Para se festejar da França as glórias mil N'um solo onde se ouvem gemidos escravos; Cantar na vossa patria o hymno da vergonha, Afim de se limpar do solo esta peçonha Que nos priva crescer nos dias luminosos.

Continuando — nos que se seguem que são 12 — pintá os horrores da escravidão, lamenta a nossa miseria, bate palmas ao Ceará e Amazonas livres e termina o seu livrinho : Mas, o seculo não tarda ! E não se vê luzir No solo brasileiro, em nome do Porvir A luz da Liberdade ! A luz da Abolição !... Diantre de Pariz a brasileira presença Se faz representar, qual genio da descrença Levando a eternidade a sua Escravidão.

E' triste e muito triste a nossa posição. Muito bem !

CARLOS JILMAR.

ANNUNCIOS

BIBLIOTHECA THEATRAL

83—Rua Sete de Setembro—83

RIO DE JANEIRO

BRASAS, OPERAS COMICAS E OUTRAS PEÇAS DE GRANDE ESPECTACULO.

Peças de Arthur Azevedo

Falka, opera burlesca.....	18000
A príncipe dos Cajuzeiros.....	18000
Abel, Helena.....	18000
A filha de Maria Angu.....	18000
A casadina de fresco.....	18000
Jerusalém libertada.....	18000
Niniče.....	18000
A joia.....	18000
Gillette de Narbonne, opera comica em 3 actos.....	18000
A flor de L.Z.....	18000
Por um triz.....	5500
Quasi que se pegam !.....	5500
Um alho.....	200
O meu amigo banana.....	200
A bengala.....	200

Coração e Genio, drama familiar, pelo Dr. F. Pires Ferrão.....	18000
As duas orphás, celebre e importante drama em 5 actos.....	18000
Aimée ou o assassino por amor, bello drama.....	18000
A Judia, notavel drama de Pinheiro Chagas.....	18000
A morgadinha de Val-Nôr, pelo mesmo.....	18000
Os Lazaristas, drama em 3 actos por Antônio Ennes.....	18000
A Estátua de carne, traducção do Dr. Pires d'Almeida.....	18000
Dalila, celebre drama de Octavio Feuillet.....	18000
Romance de um moço pobre, pelo mesmo.....	18000
Amor e infânia, notavel drama.....	18000
Gonzaga, ou a revolução de Minas, celebre drama de Castro Alves.....	18000
Eurico, magistral drama extrahido do romance do mesmo nome.....	18000
Fausto, drama phantastico de Gutierrez da Silva.....	18000
Os Positivistas, drama onde não entra dama.....	18000
O negro, drama importante.....	18000

Typ. d'A DEMOCRACIA.